

# O CORPO: ESSE NOSSO AMIGO (DES)CONHECIDO - ALGUNS APONTAMENTOS

*Yvisson Gomes dos Santos\**

## **RESUMO:**

O presente artigo tem como princípio norteador pesquisar, na forma de apontamentos, sobre o corpo em suas múltiplas facetas, contudo sendo embasado precipuamente pelo verniz da psicanálise. Analisou-se esse corpo pelos caminhos do autoerotismo ao narcisismo - formadores da subjetividade humana. Deu-se a esse corpo um estatuto de incompletude, de fissuras, de falhas não unificadoras, no qual com algumas incursões epistemológicas sobre o mesmo concluiu-se ser o corpo um (des)conhecido de todos nós, ora disciplinado, ora erotizado, ora pertencente a uma visão organicista, ele não existirá enquanto não passar pela linguagem, e mesmo assim, será escandido em miragens, nunca como o todo/corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Psicanálise. Desejo.

O corpo para a psicanálise tem alguns endereços que se localizam desde a fisiologia até a linguagem. Quando falamos de fisiologia ou de anatomofisiologia nos referimos ao corpo escrutinado pela biologia, pela medicina e ciências afins. Já quando o colocamos no patamar da linguagem referendamo-nos na fala e no discurso sobre este corpo.

Com Freud aventamos a ideia de que o corpo se forma na *psique*, entretanto nasce e se estrutura das vísceras<sup>1</sup>. O contato da criança com o mundo exterior se dá mediante do trajeto da exterioridade ao psiquismo. O mundo que entendemos como a percepção de uma realidade externa, de uma *empíria* para uma epistemologia, na criança isto se dá de forma paulatina e ao mesmo tempo inquietante.

O autoerotismo do recém-nascido até determinado período psicosssexual é uma realidade para a psicanálise. Entendemos o autoerotismo como “forma de manifestação da pulsão sexual, enquanto ela não está dirigida para outras pessoas, ou mais geralmente

---

1 FREUD, S. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\*É psicólogo, filósofo, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UNICID/AAL. Atualmente é mestrando em Educação pela UFAL e professor da Educação Básica em Alagoas. Endereço: Rua Dr. Passos de Miranda, 44, Bebedouro. Maceió/AL. E-mail: yvissongomes@hotmail.com

para objetos externos, satisfazendo-se com o próprio corpo do sujeito” (CHEMAMA, 1993, p. 25).

A criança somente conhece-se em torno de seu mundo corporal. A boca e a mucosa anal são etapas iniciais do desenvolvimento psíquico desse infante (aquele que não tem voz, não tem fala). Ao descobrir a existência de um outro, de uma mãe que a nutre e lhe dá afagos, esta criança se espanta - e o espanto sempre será o *Pathos*, segundo Heidegger<sup>2</sup>. A ilação do espanto do filósofo alemão com a psicanálise encontra-se como suporte material, sígnico que cumpre uma função de distinção entre o real e o simbólico, ocasionando uma (certa) estranheza que é “sustentada por uma angústia muito intensa e por uma afecção da relação com o real” (CHEMAMA, 1993, p. 64).

Com Freud este espanto parte do princípio de que a pequena-criança não está sozinha em suas trocas de afetividade. Ela está inserida num sistema relacional de afetos benfazejos ou malfazejos, mas que são afetos que a colocam no campo do dual.

Esse espanto do ser autossuficiente para o ser que depende de outro determina a separação do autoerotismo em direção ao narcisismo. E o que é o narcisismo?

O começo da estruturação subjetiva faz com que esse *infans* passe do registro da necessidade para o do desejo; o grito, de uma simples expressão de insatisfação, torna-se apelo, demanda; as noções de interior/externo e, depois, de eu/outro, de sujeito/objeto, passam a substituir a primeira e única discriminação, a de prazer/desprazer. A identidade é constituída em função do olhar de reconhecimento do Outro (CHEMAMA, 1993, p.140).

A ideia é de se pensar que a criança fantásticamente que se nutria e se sentia nutriente de si mesma, na qual não necessitava de uma outra personagem em sua instância psíquica e relacional, agora com o narcisismo se encontra dependente, de fato, desse Outro. Esse Outro, anterior ao sujeito, é o que identificará esse “não falante” em suas vicissitudes para uma futura formação da sua subjetividade.

O narcisista diz o seguinte: “Necessito do outro, desse que me acalanta, mas posso com este outro me sentir único e invencível”. É uma etapa de fruição dos conteúdos ideativos da criança que são, a priori, saudáveis.

O sujeito se forma e se informa de si através de seu narcisismo. A relação do espelho ou a relação especular proposta por Lacan estabelece a cisão, a escansão de que há um outro que partilha com o infante sua atmosfera psíquica, pois:

---

2 HEIDEGGER, M. *Que é isto - a filosofia?* Tradução Emílio Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

Deve-se compreender a fase do espelho como uma identificação, isto é, a transformação produzida em um sujeito, quando ele assume sua imagem. Que esta imagem seja capaz de um efeito formador, isso é comprovado pela observação etológica [...] abordamos então o campo do narcisismo, como fundando a imagem do corpo da criança, a partir do que é o amor da mãe, e da ordem do olhar dirigido a ela. Para que a criança possa se apropriar dessa imagem, para que possa interiorizá-la, necessita que tenha um lugar no grande Outro (CHEMAMA, 1993, p.58)

A criança se vê no espelho, esse acessório de cobiça, e se questiona se ela é um corpo que se mostra em um objeto especular, fora-de-si-mesma através do olhar que será identificado em sua formação de sujeito através do Outro quer seja materno, quer seja paterno.

Um passo se é dado para a construção do psiquismo da criança e na sua ulterior constituição como sujeito que se alia ao *socius* para se fazer existir, nem que seja uma *ex-sistência* que obriga a criança a olhar para fora de si e dizer: “necessito do outro, e este outro me registra nas convenções, nos modelos e etiquetas de comportamentos que preciso apreender para me fazer demarcado pela pequena sociedade (o núcleo familiar), em rumo a grande sociedade (escola, igreja, shopping, clubes recreativos, cibercultura, dentre outros).

O passo que intermedia o seu autoerotismo ao narcisismo encontra ancoradouro, a saber, pelo Desejo, pois:

J. Lacan procurou recentrar a descoberta freudiana na noção de desejo e colocar esta noção no primeiro plano da teoria analítica [...] o desejo nasce da defasagem entre a necessidade e a demanda; é irreduzível à necessidade, porque não é do seu fundamento relação com um objeto real, independente do sujeito, mas com a fantasia; é irreduzível à demanda na medida em que procura impor-se sem levar em conta a linguagem e o inconsciente do outro, e exige absolutamente ser reconhecido por ele (LAPLANCHE&PONTALIS, 1992, p. 114).

O corpo agora se mostra como imprescindível. O corpo surge de uma forma que transforma-se a cada instante. O ego em ilhotas do autoerotismo, agora se mostra como um ego factual perpassado pelo desejo e pela metáfora paterna que demarca subjetividades.

Nesse intento, sabe-se que a psicopatologia do corpo, nos anos 60 do século passado, com Kretschmer (1961)<sup>3</sup>, equivalia a tipologias. Com este autor o sujeito possuía caracteres corporais que denunciavam uma futura doença um traço de caráter. Temos o corpo leptossômico ou astênico, o corpo pícnico e o corpo atlético.

---

<sup>3</sup> Apud FADIMAN, J; FRAGER, R. *Personalidade e crescimento pessoal*. 5 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

O leptossômico é de uma estrutura esguia, alta, de ossatura curta, podendo caracterizar uma futura esquizotipia e timidez. O pícnico é de um corpo de forma arredondadas, ossos largos, gorducho e bonachão. Essa tipologia pícnica é caracterizada por pessoas sociáveis, engraçadas e gregárias, mas com tendências a depressão. A forma atlética é de um corpo considerado em boa forma física, com ossatura larga e avantajada. Tais pessoas possuem caráter de liderança e que estão com as potencialidades físico-psíquicas em equilíbrio. A os que não se enquadram nessas três classificações são considerados do tipo displásicos.

Claro que estas tipologias dos corpos foram descartadas pela medicina do século XXI. Ainda assim, a psicologia, em casos específicos, se referencia nessas tipologias para estudar prováveis sintomas e estilos comportamentais dos sujeitos.

Esses exemplos advêm de pesquisas da antiguidade tardia sobre os humores. Galeno caracterizou em fartos comentários sobre os humores biliáticos nos seres humanos, podendo-se caracterizar nos mesmos sintomas como a melancolia, a ira ou a própria loucura.

No retorno a Freud e, mais especificamente a Lacan, o corpo é fissurado, repartido em zonas erógenas, cindido em *objetos a* que se escamoteiam em seios, fezes, voz, olhar<sup>4</sup>. Não existem um corpo total para a psicanálise, conclui-se. Há miradas de um corpo do desejo se se objetivar um discurso como norteio para explicá-lo, e ainda assim isso não será possível por completo, mas através de rastros ou palpites da ordem do inconsciente, quer sejam atos falhos, chistes, sonhos, ou a própria sintomatologia na histeria, a analidade na neurose obsessiva-compulsiva ou a neurose fóbica como prelúdio à angústia de castração.

Eu falo através do *Phalos* que me estrutura. O *Phalos* com *ph* é uma representação ora imaginária, ora simbólica do pênis. Essas representações se formam no orbe do psiquismo indo ao encontro da subjetividade. Ou seja, ao falar sobre a diretriz do *Phalos* que representa a *metáfora paterna*, nascida culturalmente do banquete totêmico, eu EXISTO e essa existência é da ordem simbólica que nasce da imagem especular corpo-eu ou do eu-corpo. Essa metáfora pode assim ser descrita:

É no Nome do Pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas,

---

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna (LACAN, 1963, p. 279-80)

Deleuze<sup>5</sup>, em um dos seus escritos, anuncia que a *Coisa* ou o *Isto* caga, fede, goza, mela-se num apinhado do corporal-máquina. A coisa, *Das Ding*, em Freud é o que sutura o inconsciente do sujeito. E essa sutura promove inevitavelmente a cura. E o artifício pela qual a *Das Ding* se faz fundante é através da palavra e do discurso. Não somos nada se não discursarmos, se não proferirmos nossos sentimentos e ideias, pois desta sorte, a doença encontrará assento. Desta sorte, para retomarmos o que até aqui temos escrito, lê-se:

Lacan (1962-63/2005) enumera quatro objetos principais que poderiam ser extraídos desses primeiros contatos da criança com o Outro - seio, fezes, olhar e voz - e formula a noção de *objeto a* como imaginarização das trocas simbólicas que a criança estabelece com o Outro, tendo como base fixa os orifícios reais do corpo. O bebê não só é agraciado com os objetos oferecidos pelo Outro, como busca identificar-se com aquilo que ele supõe que este Outro deseja. É claro que esse processo não é consciente ou intencional, mas pode ser notado na medida em que algo interrompe seu funcionamento. É porque a mãe deixa de dar o seio, ou começa a demandar o controle dos esfínteres, por exemplo, que a criança pode fantasiar outro tempo, outra cena, quando tais objetos eram portadores de uma satisfação plena. Contudo, sabemos que, desde sempre, por causa de *das Ding*, a experiência com o objeto é sempre faltante; ele fornece apenas um pequeno suplemento de gozo no desejo, um "mais-de-gozar". Para Lacan (1964/1979), se o encontro com o objeto é veículo de gozo, o prazer deve ser buscado no que contorna tal objeto, e não no objeto em si. Se qualquer objeto se presta à satisfação da pulsão, não é qualquer objeto que se coloca como horizonte do desejo. É válido lembrar que essa formulação obriga o psicanalista a uma revisão da noção de pulsão no que se refere ao seu alvo. Ele recorre à língua inglesa para enfatizar os dois termos em que os dois sentidos que a palavra *alvo* pode apresentar se encontram mais evidentes. O *aim* é o trajeto, o caminho pelo qual se deve passar para atingir o propósito, o objetivo, e está ligado ao prazer. Já o *goal* é a meta, é atingir o alvo, aproximando-se do gozo (LUCERO&VORCARO, 2013, p. 05).<sup>6</sup>

Os gregos falam do corpo em evidência e erotizado, instrumento discursivo de uma pedagogia interessante. Um belo corpo pode facilmente se aliar a um belo discurso. *O Banquete*<sup>7</sup> de Platão comemora esse encontro. O corpo de Alcebiades mesmo embriagado e com vestimentas risíveis é belo, e o discurso de Sócrates também é belo.

---

5 DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Portugal: Editora Assírio & Alvin, 1972.

6 LUCERO, A; VORCARO, A. Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan. Revista *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Volume 16, Abril de 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci_arttext)> Acesso em Agosto de 2015.

7 PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

Juntos eles formam uma *Paideia*, um encontro entre o mestre e seu discípulo pela via do Eros, do erotismo.

O corpo para os gregos deve ser moldado nas academias. A feiura do corpo é ojerizada. Os deficientes físicos são jogados ao mar, descreditados e esquecidos. O corpo grego quando não é visto nas formas da simetria e da beleza deve ser um corpo escatológico.

Talvez Sade, o divino Marquês, tenha observado essa escatologia como ferramenta ao seu discurso através do corpo erotológico ou o corpo para o mal<sup>8</sup>.

O feio, o risível, o sodomita, a prostituta, o proxeneta, os medonhos eram a expressão de um desejo que beirava à lascívia. Na *Filosofia na Alcova*<sup>9</sup> as fezes, a gonorreia, o esperma pútrido, o matricídio, os pênis avantajados e brutais formam a antessala do enredo desse romance e de outros escritos sadianos.

Sodomizar a mãe e depois matá-la, costurar uma vagina e colocar dentro dela uma ratazana faminta para comer os intestinos da mulher eram as assertivas do desejo do divino Marquês. O desejo era ação, uma ação que saia da irrupção Iluminista. As luzes traziam à tona todos os desejos, sem a escuridão do teocentrismo medieval. Desta sorte, tudo que se podia fazer com o corpo era possível. Mesmo que houvessem penalidades cíveis às sexualidades consideradas desviantes.

Michel Foucault<sup>10</sup> lembra-nos sempre de uma vigilância do corpo. Esse corpo docilizado e vigiado pela sociedade vitoriana oitocentista, mas as setecentistas e seiscentistas também. O corpo-gay, o corpo-mulher, o corpo-infantil, o corpo-dismórfico, o corpo-judaico e o corpo-alienado eram passíveis de estudos nosológicos e etiológicos. O corpo era “descreditado” para se “creditado” pelo *controle* - filho dileto do biopoder.

A escola e sua via máxima do *establishment* da educação, também é um corpo habitado por outros corpos. A escola é asilar para Foucault, e que desempenha funções indispensáveis para se adestrar o adolescente e ordená-lo.

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo,

---

8 PEIXOTO, F. *Sade: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1979.

9 SADE, M. *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

10 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 1*. A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: 'Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!' A cada movimento de um dos adversários corresponde o movimento do outro. É preciso aceitar o indefinido da luta (FOUCAULT, 1996, p. 147)

Como ilustração, os sujeitos da educação possuem corpos de desejo. Esses corpos estão inscritos igualmente no âmbito social. São corpos que desejam conhecer, transmitir conhecimentos, que estão inscritos na esfera de uma ação educativa: ensinar e aprender que se aliam a tríade proposta por Foucault, saber/poder/prazer (1996).

Esquece-se que dentro de uma escola há diversos sujeitos demarcados em desejos. Os alunos que se agrupam em tribos. Os professores com suas teorias e práxis pedagógicas. Ou seja, o corpo também é ação, também é heterotopia. O grupo dos *nerds*, outro dos tatuados, outro dos roqueiros, dos religiosos, outros dos *clubbers* etc. Tudo isso é um corpo, mas que se encontra facetado em múltiplos corpos. O corpo-escola encontra-se minado e povoado por corpos-alunos, corpos-professores, corpos-diretores, corpos-auxiliares, corpos-múltiplos.

Toda uma teoria que se valha de ser pedagógica também é um *corpus teóricos*. Piaget, Wallon, Vygotsky, Paulo Freire, Pestalozzi, dentre outros, foram teóricos da educação ou pensaram a educação em formas particulares. Eles criaram perspectivas teóricas para se pensar, por exemplo, o ensino-aprendizagem, ou a psicogenética infantil. Eles descreveram os sentidos da educação guiados por uma ordenação teórica que para Freud poderia ser uma experiência de *sublimação*<sup>11</sup>. A concepção de que há um *corpus teóricos* nesses autores que pensam a Educação, já se inscreve em algo, a saber, *o discurso do biopoder*.

O *discurso do biopoder* refere-se a todo enunciado em que os sujeitos envolvidos em um grupo são afetados, até mesmo naquilo que se diz sobre a criação de *corpus teóricos*, segue um exemplo: sobre a criação de categorias educativas com a finalidade de se estabelecer uma lógica e coerência sobre um determinado discurso. A zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky é um desses discursos; a educação bancária de Freire é outro, e todos formam um corpo, que mesmo sendo teórico é um corpo. Entretanto esses discursos perpassam por uma política do saber/poder. O corpo teórico dos discursos falam sobre a Educação e outras ciências, e eles estão inseridos:

---

11 Sublimação no sentido de um mecanismo de defesa secundário que transformam os impulsos sexuais em algo socialmente aceito.

Na biopolítica, o corpo do sujeito, além de ainda continuar a sofrer a ação de técnicas disciplinares, é estimulado a falar de si mesmo para mais bem se governar ou ser governado. Com a noção de biopoder e com suas técnicas orientadas para que o sujeito se torne objeto de conhecimento de si mesmo (uma genealogia da ética), a possibilidade de resistência toma outra conotação (MENDES, 2006, p. 173).<sup>12</sup>

Esse biopoder tende a disciplinar e ordenar os discursos que são enunciados. Sabemos que todo enunciado ou todo discurso sobre influência direta de seu tempo, de sua história e do meio social no qual ele está inserido. Para Foucault esse disciplinamento exerce uma função deveras importante na nossa sociedade atual. Quando se fala em teorias, em epistemologias quer-se dizer de que estamos ainda assim sob a tutela da disciplina, e que os sujeitos da educação estão inseridas nela constantemente.

Lembramos de Campos&Campos (2006, p.31):

Todos reclamam que são muitos deveres. Professora ameaça: “continuar conversando terá mais”. (...) Palmas e movimentos a serem seguidos pelos que estão prestando atenção até que todos a imitem é uma estratégia para evitar a dispersão. Eles vigiam os colegas constantemente.

A vigilância oprime mais ainda assim tenta educar, pois “no contexto da Educação, supõem-se que o corpo normal personifica um significado estável, mesmo quando se admite que aquele significado passe por pequenos ajustes, tal como ocorre nos discursos educacionais” (BRITZMAN, 2000, p. 21)<sup>13</sup>.

A escola é um lócus privilegiado e tem seus corpos distribuídos pelos corredores de seu estabelecimento. Corpos de desejo. Para a filosofia a palavra desejo tem uma trajetória peculiar, segundo Chauí (1990, p. 22):

A palavra Desejo tem bela origem. Desviva-se do verbo *desidero* que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado *sidera*), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é constelações. Por que se diz dos astros, *sidera* é empregado como palavra de louvor – o alto –e, na teologia astral ou astrologia, é usado para indicar a influência dos astros sobre os destino humano, donde *sideratus*, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare* – examinar com cuidado, respeito e veneração – e *desiderare* - cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros).

---

12 MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. In: Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFISC, n. 39, 2006.

13 BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In.: LOURO, G, L (ORg). O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo horizonte, Autêntica, 2000.

O desejo é olhar para as estrelas e como elas não estão próximas restam-nos a falta, a ausência das mesmas. O sujeito que está imbricado desse *desidero* tem a marca da incompletude, e seu corpo não poderia ser diferente: repartido em zonas erógenas, sem unificação e sempre com falhas.

Consegue-se enuncia-lo através da linguagem que muitas vezes nos escapa, mas se sabe que se o desejo-sintoma-corpo consegue ser lido, é por que ele já está escrito em um processo de escrita e, necessariamente, a letra desta escritura ancora-se no inconsciente (LACAN, 1966).

### **Considerações Finais**

O trajeto escolhido para este artigo direcionou-se sua escrita sobre o corpo e suas vicissitudes. Entender que a psicanálise ver o corpo em miradas, em zonas erógenas, em fissuras, em partes que compõem um *objeto a*, demonstra a incansável busca da formação da subjetivação humana, pois o corpo faz parte intrinsecamente desta formação.

Trafegou-se pelos caminhos deste corpo na história, sempre com o verniz analítico, de Platão, passando pelos humores da época medieval, indo ao estudo erotológico do Marquês de Sade e, finalmente, pousando no pensamento foucaultiano – esse caminho foi em forma de apontamentos.

A ideia de corpos que habitam uma escola, alunos e professores, serviu-nos como exemplo para se pensar a complexidade dos corpos que se metaforizam em mais corpos. Um corpo social, um corpo histórico, um corpo disciplinado e um corpo de desejo formam as escamoteações do sujeito que olha para os astros (*sidera*).

Do olhar para os astros implica que estamos distantes de alcançá-lo em sua totalidade: metáfora do presente artigo.

### **Referências:**

BRTZMAN, D. *Curiosidade, sexualidade e currículo*. In.: LOURO, G, L (Org). *O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo horizonte, Autêntica, 2000.

CAMPOS, P. F. M; CAMPOS, V.: *Escola espaço de convivência*. Relatório - Estágio Supervisionado em Pedagogia. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2006

CHAUI, M. *Laços do desejo*. In.: NOVAIS, A (Org). O Desejo. São Paulo: Funarte, 1990.

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Portugal: Editora Assírio & Alvin, 1972.

FADIMAN, J; FRAGER, R. *Personalidade e crescimento pessoal*. 5 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I. A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. *Poder-corpo*. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996

FREUD, S. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEIDEGGER, M. *Que é isto - a filosofia?* Tradução Emílio Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1991

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1966.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005

LAPLANCHE&PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LUCERO, A; VORCARO, A. *Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan*. Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro, Volume 16, Abril de 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci_arttext)> Acesso em Agosto de 2015.

MENDES, C. L. *O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo*. In: Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFISC, n. 39, 2006.

PEIXOTO, F. *Sade: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1979.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

SADE, M. *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

**BODY: THAT OUR FRIEND (DES) KNOWN - SOME NOTES**

**ABSTRACT:**

This article is a guiding principle research in the form of notes on the body in its multiple facets, however being grounded primarily by the veneer of psychoanalysis. Analyzed this body by autoerotismo paths narcissism - trainers of human subjectivity. Gave to this body one incompleteness status, cracks, not unifying failures, which with some epistemological raids on the same was found to be the body one (un) known to all of us, well disciplined, well eroticized, now belonging to an organismic view, it does not exist until you go through the language, and even then, will escandido in mirages, never as all /body.

**KEYWORDS:** Body. Psychoanalysis. Desire.

**CORPS: QUE NOTRE AMI (INCONNU) - QUELQUES NOTES**

**RÉSUMÉ:**

Cet article a pour principe de guider la recherche sous la forme de notes sur le corps dans ses multiples facettes, mais étant enracinée principalement par le placage de la psychanalyse. Analysé ce corps par autoerotismo chemins narcissisme - formateurs de la subjectivité humaine. A donné à ce corps un état de l'inachèvement, fissures, pas les défaillances fédérateurs, qui avec quelques raids épistémologiques sur la même a été trouvé pour être le corps d'une (dé) connu de nous tous, bien disciplinés, bien érotisée, maintenant appartenant à une vue organiciste, il ne existe pas jusqu'à ce que vous allez à travers le langage, et même alors, sera escandido dans mirages, jamais comme tout / Corps.

**MOTS-CLÉS:** Corps. Psychanalyse. Désir.

Recebido em: 08-11-2015

Aprovado em: 02-02-2016

©2016 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)